

HORIZONTES DE CONEXÕES E MÚLTIPLOS ENTENDIMENTOS PARA A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES CONSTRUÍDAS EM PAISAGENS RUPESTRES

HORIZONS OF CONNECTIONS AND MULTIPLE UNDERSTANDINGS FOR UNDERSTANDING THE RELATIONSHIPS CONSTRUCTED IN ROCK LANDSCAPES

Renata Grazielle Willig Dias Teixeira ¹

Resumo: A proposta deste trabalho é apontar potencialidades sobre reflexões que abarcam os aspectos técnicos e a iconografia nas paredes líticas através da aproximação entre a arqueologia, antropologia e etnologia. Assim, elucidar entendimentos que aproximam o modo de fazer gráfico e as cosmologias e epistemologias indígenas evidenciadas em fontes etnográficas formalizadas nas experiências de campo de antropólogos/as e nas linhas interpretativas que relacionam a corporalidade, a materialidade e o grafismo como possibilidade de se compreender a rede de relações presentes nas manifestações de grupos humanos pretéritos que interagem nos painéis, sítios e paisagens rupestres dos abrigos Rei do Mato I e o Abrigo da Estrada dentro do Monumento Natural Estadual Gruta Rei do Mato. **Palavras-chaves:** Paisagens Rupestres, Arqueologia; Gruta Rei do Mato.

Abstract: The purpose of this work is to point out potentialities on reflections that cover technical aspects and iconography in lithic walls through the approximation between archeology, anthropology and ethnology. Thus, to elucidate understandings that approximate the way of making graphics and the indigenous cosmologies and epistemologies evidenced in ethnographic sources formalized in the field experiences of anthropologists and in the interpretative lines that relate corporeality, materiality and graphics as a possibility of understanding the network of relationships present in the manifestations of past human groups that interact in the panels, sites and rocky landscapes of the Rei do Mato I and Abrigo da Estrada shelters within the Gruta Rei do Mato State Natural Monument. **Keywords:** Rock Landscape, Archaeology; Rei do Mato Cave.

¹ Graduada em História, coordenadora do Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural da E. E. Modestino Andrade Sobrinho (SEE/MG), Brasil. Email: renata.dias@educacao.mg.gov.br

Introdução

Entender as relações entre as coisas é refletir sobre o que habitamos a ver enquanto contexto arqueológico e suas conexões, uma série de associações entre outros seres que independem da agência e da vontade humana. A inoperância do modo de produção de conhecimento ocidental para resolver as múltiplas dificuldades globais impostas ao século vigente, causadas pelo mesmo sistema-mundo, enfatizado pela dicotomia de um modelo binário, como única forma de acessar a verdade, tem suscitado provocações sobre alternativas para além da hegemônica de entender, imaginar e vivenciar o mundo. Trazer à universalidade, a incorporação de saberes indígenas, esta visão de mundo marginal e fora da academia, para o curso pela democratização global do conhecimento poderá ser alcançada através do engajamento dos povos que estão fora do eixo norte-americano e europeu no exercício da decolonização e des-imperialização do saber. O desafio das ontologias indígenas na construção do conhecimento totalizante consiste em superar a visão de mundo hegemônica empregada desde a modernidade, através do rompimento com questões pertinentes aos significados atuais referente ao status da universalidade do saber, que permeiam o discurso do conhecimento entendido como fantasia ou na deturpação de seus significados, sem dar credibilidade como verdadeiro, reforçando uma ideia já enraizada como irrelevante (Ndlovu, 2017).

Parte integrante e formadora da paisagem, a representação de vivências e movimentos, a arte rupestre será aqui abordada por meio de perspectivas teóricas e metodológicas que contemplam a relação entre o registro arqueológico específico, o meio natural e o entendimento indígena. Buscamos apresentar reflexões que reforçam a viabilidade de incorporação de cosmologias e epistemologias ameríndias que interagem com referenciais teóricos arqueológicos e da antropologia na construção de explicações sobre as redes relacionais fluídas formadas em contextos arqueológicos de paisagens rupestres. Associada à forma de pensar em outras possibilidades de enxergar o mundo, através dos pressupostos dos fundadores da virada ontológica, objetiva-se trazer os seres que atuam no fazer gráfico do registro arqueológico para a construção e discussão das relações presentes nas manifestações rupestres. Neste percurso, será realizada uma revisão bibliográfica formalizada nas experiências de campo de antropólogos/as e nas literaturas concernentes de abordagens teóricas de registro rupestre que se aproximam.

A produção do conhecimento sobre os registros rupestres é resultado da escolha teórico-metodológica que orienta a pesquisa, neste percurso, distintos arcabouços teóricos nortearam os estudos do registro rupestre dentro da arqueologia em diferentes contextos históricos, na busca pela compreensão sobre a pré-história dos povos pretéritos será elencado formas de interpretação e fundamentação teórica de arte rupestre baseada na associação estética e técnica e na aproximação de ontologias indígenas.

Tema de interesse científico na arqueologia brasileira desde o final do século XIX, com teorias, metodologias e problemas de pesquisa próprios, as pinturas e gravuras rupestres, estão integradas ao cotidiano do grupo que as elaboraram relacionada aos aspectos sociais da vida, fortalecendo tradições e associadas a rituais (Gaspar, 2003; Prous, 2019). Para Isnardis (2004), pensar a paisagem dos sítios arqueológicos de registros rupestres, permite perceber a heterogeneidade presente nas diversas temporalidades inseridas na sua materialidade através da expressão de vivências, crenças e valores no mundo das pessoas pintoras dos paredões rochosos no contexto das ocupações remotas do território brasileiro.

O estudo dos grafismos rupestres, através do emprego de aportes tipológicos dentro da concepção de agrupamento das categorias de representação, teve como propósito definir identidades dos padrões culturais e não elencar significados ou traduções para submetê-las a refutações ou confirmações. Dessa forma, no estudo deste contexto arqueológico, na tentativa de apontar inferências de comportamentos culturais, a leitura semiótica pode ser feita através dos signos-tipos e da noção de espacialidade. Segundo Latour (2012) e Webmoor (2007), esses aspectos espaciais e interacionais entre os seres humanos e o objeto estudados nos contextos arqueológicos têm sido abordados pela perspectiva simétrica (Netto; Rosa; Miranda, 2011).

Vistos como instrumentos analíticos, os conjuntos estilísticos estudados propõem ampliar as discussões sobre o significado das variações, para além da descrição e das classificações. Essa variabilidade também aponta as possíveis dinâmicas sociais, que podem elencar para a mesma sociedade, entre sociedades e as mudanças culturais. O arcabouço teórico e metodológico tradicional pautado nas análises estilísticas e cronológicas que motivaram a maior parte das pesquisas sobre vestígios rupestres foram orientadas levando-se em consideração as formas finais das figuras, em contrapartida, recentemente novas proposições apontam para o exame preferencial do processo de composição das imagens, evidenciando os gestos, as técnicas, as

diversas interações (diacrônicas, sincrônicas e dialógicas) entre as figuras elaboradas em momentos distintos e as marcas produzidas através das ferramentas empregadas presentes no suporte rochoso. Através dessa abordagem esses indicadores proporcionam examinar a variabilidade gráfica associada também a outros vestígios encontrados em ambiente geológico (Linke et al, 2020).

Pensar em visão de mundo é pensar em ontologia, pensar num esforço teórico para construir possibilidades de explicações pautadas em outras perspectivas de conhecimento e temporalidade, reconhecendo desse modo que essa divisão empregada desde a modernidade, essa dicotomia entre natureza/cultura, passado/presente, materialidade/imaterialidade são frutos de uma construção histórica específica. Pensar nessas diferentes perspectivas de se perceber o mundo, é atentar para como novas relações podem ser configuradas, e que perpassou em certo modo a apropriação de cosmologias indígenas, da apropriação de um pensamento marginal, fronteiro, fora das academias que serão formalizados nos trabalhos de determinados/as antropólogos/as a partir de suas experiências de campo. Esse movimento aponta em direção a tratar estas perspectivas que se apresentam num contexto de pesquisa não simplesmente como expressão do êmico e do ético, mas levar a sério como perspectiva verdadeira de conhecimento sem ignorar a localização desses saberes (Ndlovu, 2017).

Nuances de perspectivas: técnicas, estéticas e ameríndias

A necessidade de se realizar novas abordagens para os registros rupestres foi delineada por Martin e Guidon (2010), no artigo *A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres no Nordeste do Brasil*, que aponta para a necessidade de se realizar novos arranjos sobre conceitos e classificações de tradições rupestres a partir de novos critérios sobre estilo e técnica, tendo como início destes questionamentos a análise o sítio do Estevão III localizado no Parque Nacional da Serra da Capivara. Além disso, ressaltam a importância no cenário atual do emprego de novas formas de registro dos dados técnicos relacionadas à informática.

As autoras evidenciam o impacto no resultado das pesquisas do uso dos elementos técnicos trazidos dessas marcas de memória humana coletiva, enfatizando que o conhecimento técnico e gestual são pré-requisitos para realizar qualquer ato de diferentes naturezas e que também

exigem um período para o desenvolvimento da habilidade. Desta forma, nesta busca pela compreensão da ocupação dos grupos autores dos arranjos gráficos, os estudos arqueológicos apontam que estes dados tecnológicos contribuem para entender as diversas relações estabelecidas entre as pinturas e gravuras associadas ao suporte lítico, sítio, entorno, outras materialidades arqueológicas (Martin e Guidon, 2010) e outros seres (Pellini, 2021).

No artigo *A técnica e a estética nos estudos da arte rupestre - reflexões iniciais em busca da ampliação dos instrumentos de estudo* de Netto (2022), o autor enfatiza a necessidade de promover discussões voltadas para a similaridade entre os atributos técnicos e os elementos estéticos dos grafismos rupestres para o entendimento destas manifestações demonstrado nos sítios estudados na região do Cariri Ocidental Paraibano. Neste caminho, o fabrico de pigmentos, reconhecimento de técnicas, o processo de composição das formas e a integração iconográficas das imagens com as paisagens do entorno através de escolhas estabelecidas têm apontado caminhos possíveis para o desenvolvimento de pesquisa de contexto arqueológico rupestre. Nesta perspectiva sobre a interação entre o técnico e o estético, os comportamentos e procedimentos relacionados à produção dos grafismos pautadas no modo de fazer do registro rupestre associado às considerações de Leroi-Gourhan sobre cadeia operatória e a tendência da dimensão técnica, com ênfase na particularização da exteriorização do gesto, aponta o meio técnico como tendência para a elaboração dos signos através dos pressupostos da semiótica Peirceana e de acordo com Simondon sobre as imagens rupestres como resultado do prolongamento das ações das pessoas que as produziram (Netto, 2022).

Dentro desses novos arcabouços teóricos do estudo dos registros rupestres, verifica-se uma aproximação entre a perspectiva de análise arqueológica de que existem outros elementos dentro dos arranjos gráficos para além da estética que devem ser explorados como o exame das técnicas e dos gestos pelo prisma das teorias e epistemologias de sistemas indígenas de conhecimento que possibilitam apontar sentidos para a composição do registro rupestre em contexto arqueológico em que o fazer é ponto relevante (Linke et al, 2020).

Já Pellini (2021), em seu artigo *De imagens e gentes-rocha*, traz uma provocação para pensarmos outras formas de entendimento das realidades arqueológicas baseada no modo de pensamento, vivências e experimentações reais dos povos, referindo-se à rocha para além do sentido da visão, de um mineral, como ser ativo e consciente. Ou seja, se alguém entende a rocha como uma

pessoa e as pinturas que interagem com o suporte lítico como ser vivo, baseado na ideia das relações entre pessoas e objetos compreendidos por naturezas diversificadas, sugere ser aceitável o uso e análise de diferentes abordagens para o estudo do mesmo vestígio arqueológico, ressaltado a importância de colocar os universos acadêmicos, científicos e ameríndios com mesmo grau de relevância e importância.

Através da metamorfose dos corpos vegetais como roupas dos espíritos Worokyam e a tecnologia conectada aos variados aspectos da vida das pessoas, Igor Rodrigues (2022) por meio do entendimento desta tecnologia precíval aponta a relação entre humanos e plantas, emaranhados da própria fabricação e sustentação de corpos, alma e vitalidades, do mesmo modo como no corpo humano, a metamorfose do corpo vegetal depende do saber se relacionar com outros seres.

A agentividade das rochas gráficas é apontada por Raoni Valle (2012) através da análise da sua área amostral no Baixo Rio Negro, como portadoras de carga informacional e de variabilidade de performance estilística cuja interação ocorre relacionada ao comportamento (formas e temas), à sociedade (técnicas) e ao ambiente (geológico). De acordo com a etnogeologia que o autor promove, as rochas são dotadas de agência, linguagem, sistemas de signos e percepção. A interação dos seres humanos com o ambiente ocorre no sentido de que estes domesticam a paisagem e a paisagem doméstica o cérebro. A paisagem domesticada e o cosmo estão empregados da consciência e projeção do modelo corporal, ou seja, imbuídos tanto da correlação morfológica quanto dos estados emocionais e cognitivos humanos (animismo, antropomorfismo e perspectivismo).

Em diálogo com a virada ontológica na antropologia, segundo a ontologia animista de Descola (1992), as experimentações das sociedades indígenas são baseadas no entendimento de que no passado todos os seres eram pessoas e em algum momento e causa deixaram de ser, e que no presente, todos seriam pessoas sociais, sendo diferenciado algumas pessoas como humanas. A partir deste viés social e relacional é pensado a construção das associações entre humanos e outros que compartilham interioridades.

Sobre o significado dos adornos corporais, Seeger (1980) elucida que o corpo tem lugar de destaque na construção da pessoa e a escolha da ornamentação física de uma parte específica

do corpo pode estar associada a importância representativa deste órgão para a sociedade ameríndia que o utiliza, da mesma forma, examina as faculdades sociais através da valorização do sentido. Tanto Seeger como Viveiros de Castro (1979) salientam o repertório simbólico ameríndio para pressupor que as coisas têm relevância e demonstram uma significação para ser entendida.

No texto *Art Effects. Image, agency, and ritual in Amazonia*, Carlos Fausto (2020) menciona o corpo como um artefato de fabricação intensiva constituído por mãos humanas, criado para ser visto e para se fazer ver, metamorfosear e provocar metamorfoses, utilizar e ser utilizado. As interações sociais são estabilizadas através dos objetos extracorpóreos e nos contextos em que são ausentes ou escassos, as relações são negociadas com mais intensidade e frequência. Através da observação da cultura Parakanã, expõe a ausência de materialidade nos rituais e sobre a performance de um Opetymo, o autor relata que a agência ocorre através do sonho por meio do estado atípico corpóreo.

No livro, *O Belo é a Fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*, Van Velthem (2003) verifica que os Wayana possuem grande riqueza ornamental com variados padrões e os Aparai dotados de grande habilidade, para ambos a integração social do indivíduo se pauta na produção artística, sendo o fazer e o decorar ações complementares, e a aldeia é local de criação e descarte dos artefatos produzidos. De acordo com a autora, a metamorfose pessoal das crianças em adultos Wayana se dá pela presença de adornos, em meio a performance de danças e cantos rituais. A categoria artefactual e os padrões decorativos ocupam na atualidade a posição das criações construtivas do passado e se comportam como imagens e atualizações dos elementos e dos seres existentes no período antigo. Essa capacidade criadora do fazer à imagem utilizada para a fabricação dos seres humanos e dos artefatos, realizada socialmente não é humana, as pessoas não são protagonistas no processo, pois boa parte das coisas surgem no mundo de forma independente e as pessoas precisam aprender, aprimorar e reproduzir. A transformabilidade para Viveiros de Castro (1979) atua para fabricar as pessoas de forma plena.

Já o artigo de Mario Polo (2023) *Corpos urnas na arte e arqueologia da Foz do Amazonas* traz algumas reflexões sobre concepções de corpos observáveis nos registros arqueológicos, para pensar a arte e a arqueologia amazônicas fora do esquema da representação, diferenciado a representação da figuração.

Através do relato de Aristóteles Barcellos Neto (2008) sobre os rituais de máscaras do Alto Xingu, conhecido como Apapaatai, verifica-se a ação patogênica em estados de almas específicos através de manifestações corporais que apontam a relação entre humanos e não humanos através dos múltiplos e consecutivos raptos de parcela da alma do doente pelas flechas que emanam dos corpos dos Apapaatai. Este estudo etnológico demonstra a capacidade agentiva das flechas e a fabricação do Apapaatai através da confecção e pinturas das máscaras pelos indígenas com técnicas específicas para entrelaçamento de cordas e de aplicação dos motivos visuais, estes como marcadores de identidades singulares e transformações sustentadas na performance xamânica. Neste contexto amazônico das relações entre humanos e não humanos, marcados por predação e pela fabricação, os motivos presentes nos padrões gráficos são capazes de exercer agência tanto sobre os Apapaatai como sobre os humanos (Gell, 2018). Aos Wauja interessa a revelação da relação ritual, cura pela experiência xamânica através dos motivos gráficos presentes nas máscaras que evidenciam os processos técnicos referentes à identidade e aplicação da pintura.

Van Velthem (2003) aponta as conexões relacionais e transformacionais entre grafismos, fluídos e corpos, em que os desenhos abstratos presentes na fabricação do corpo tem agentividade na constituição de áreas que contêm o corpo. E segundo Gell (2018), os objetos que apresentam as unidades de significação, adquirem agência específica marcada pela potência interior ao grafismo.

A intercambialidade das formas através da agência do desenho abstrato ameríndio é apontada por Els Lagrou (2013) em *Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma reflexão sobre arte perspectivista*, que defende a possibilidade de aplicar este entendimento a outros contextos gráficos. Essa transformabilidade das formas proposto como instrumentos perceptivos das operações mentais específicas evidencia o caráter perspectivista (Viveiros de Castro, 1979) e animista (Descola, 1992) das ontologias ameríndias, contrastando o visível e o invisível.

Segundo a autora, as técnicas perspectivistas presentes nos procedimentos das formas do grafismo Kaxinawa, permitem ao espectador ter entendimentos diferentes de acordo com o ponto da trama de linhas que captura o olhar de quem as observa. Propõe que a arte ameríndia amazônica se caracteriza mais em sugerir do que em representar, dedicada a agir sobre o mundo

ao invés de representá-lo. E este cenário imagético assinalado pelo perspectivismo ameríndio dialoga com o conceito de quimera abstrata desenvolvido por Lagrou (2013). Examina os encadeamentos desta associação entre quimera e abstração da arte gráfica Kaxinawa, em que o desenho abstrato age sobre a transformabilidade do visível e do invisível e seguem os percursos da transformabilidade dos corpos. Assim, propõe que os desenhos são formas de pensar o mudo, uma vez que o olhar é ativo e demanda conhecimento. Ao discutir as categorias êmicas, a autora ressalta a importância de levar a sério o que as pessoas estão falando nestes contextos ameríndios.

As ontologias ameríndias são atravessadas por uma cosmopolítica na qual florestas, rios e mares são lugares habitados por diferentes seres humanos e não-humanos que interagem através de uma complexidade de redes relacionais e que dependendo do contexto precisa de negociação. Embora a maioria encontre-se na esfera da invisibilidade, intermediadas pelo xamã, estas malhas conectadas entre o mundo interior e exterior provocam um resultado. A atuação do xamã depende da etnia a que pertence e apresenta uma estética relacional pautada na transformabilidade das formas e dos corpos. Neste percurso para compreender a ontologia transformacional e complexa da estética relacional ameríndia é necessário entender que o corpo, o trançado, a cerâmica, o rochedo contêm a dinâmica relacional dos cosmos (Lagrou, 2018).

Segundo Lagrou e Velthem (2018) embora exista uma gama de material disponível, ainda é pouco expressivo o interesse pelo estudo das relações entre estética, arte e antropologia das sociedades indígenas voltadas para as abordagens teóricas e comparativas, para contribuir para o renovado interesse na antropologia das imagens, das figurações e das coisas.

O registro arqueológico constitui a história e o patrimônio das pessoas ameríndias, concebidos como museus vivos, os sítios arqueológicos, apresentam concentração de memória coletiva e relacionam-se com coletivos de comunidades contemporâneas que pensam de formas distintas e que ainda vivem nestas paisagens. Esses patrimônios têm como lente a inclusividade e desperta outros conhecimentos através da estratégia de múltiplas narrativas (Atallay, 2006).

Compreendida como forma de ver o mundo, a paisagem tem suas raízes na história do pensamento ocidental e ainda reflete sua originalidade na atualidade. Essa experimentação do

mundo se amplia através do corpo e se prolonga para além das especificidades do lugar, este emaranhado de corpos, movimentos e lugares, evidenciam sua importância ontológica, interpretada como experiências vividas, trabalhadas, transformadas, tomadas de significados e signos (Tilley, 2014). Diante da variedade de possibilidades que podem elucidar nossas hipóteses sobre o passado, a paisagem como elemento integrador e de conexão das ações humanas dispersas em determinado contexto, e entre o ambiente natural e as ações humanas, horizonte para além da estrutura física dos objetos, simbolicamente direcionado pelas escolhas, percepções, agências realizadas e vivências dos grupos pretéritos (Thomas, 2001).

Também entendidos como manifestação das representações das ideias originais dos povos que pintaram e gravaram nas rochas distribuídas em diferentes partes do mundo e que juntamente com suas concepções culturais desapareceram, os registros rupestres pré-históricos tornam-se acervo singular a ser conservado, cujo aparecimento remonta à 30.000 a 25.000 anos atrás (Martin e Guidon, 2010).

Após a inauguração do setor de arqueologia dentro do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG e juntamente com a formação da primeira equipe universitária mineira, em 1980 o sítio Rei do Mato (Figura 1) foi escavado. Por avaliarem os estados de alguns sítios desta região em que iniciaram os primeiros trabalhos estarem mal conservados, voltaram-se suas prospecções para a região de Riacho de Santana (Prous et al, 2003, p. 19).



Figura 1: Vista da Gruta Rei do Mato. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - maio/2023.

Forma e experiência das pessoas pintoras

De acordo com as informações elencadas no Plano de Manejo do Monumento Natural Estadual Gruta Rei do Mato (Instituto Estadual de Florestas, 2012), a aparente escapa cárstica com 998 metros de extensão denominada Gruta Rei do Mato está localizada no encontro de duas formações geológicas do grupo Bambuí (um siltitos e argilitos e o outro rochas calcárias) que compõem respectivamente a Serra Santa Helena e Sete Lagoas (Figura 2). Inserido dentro da bacia hidrográfica do rio São Francisco no território chamado de Carste de Lagoa Santa, este relevo cárstico é resultado de processos de dissolução de rochas carbonáticas ao longo do tempo e o conhecimento do patrimônio arqueológico desta cavidade natural subterrânea juntamente com o Abrigo do Trevo e do Rei do Mato I têm sido estudados desde as décadas de 80 e 90 do século XX. Porém, esta área de proteção apresenta potencial para novas pesquisas uma vez que existem sítios que não foram estudados e/ou catalogados, como os abrigos pré-coloniais sob rocha (Estrada ou Trevo, Rei do Mato II e Chão Preto) e abrigos histórico-etnológico (Orixás I e II) além das cavidades naturais presentes na Fazenda Bocaina.

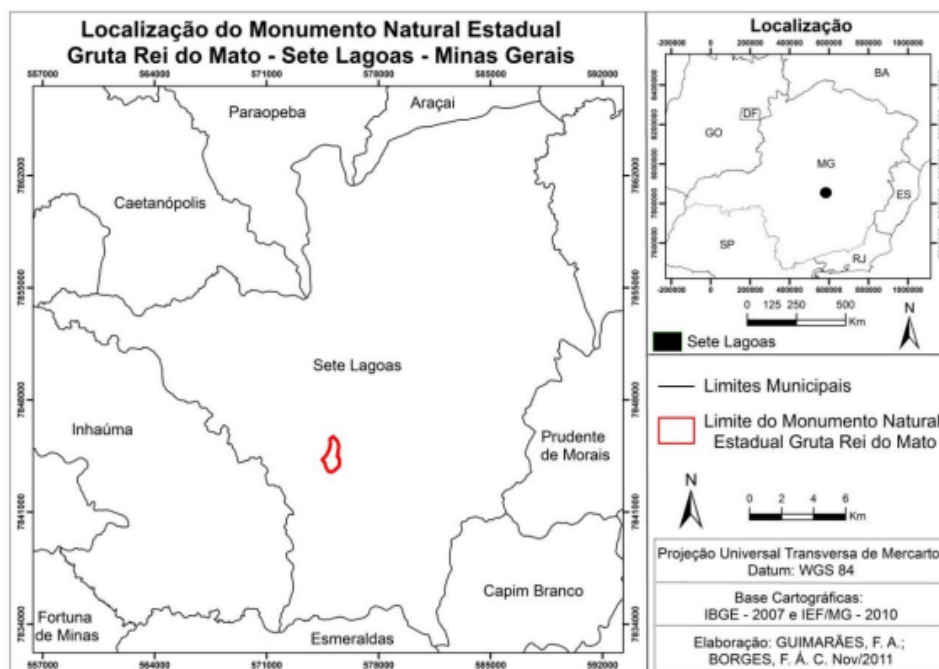


Figura 2: Localização da Unidade de conservação Monumento Natural Estadual Gruta Rei do Mato. Fonte: Borges et al., 2013

Através do Levantamento de Potencial Arqueológico, extração e britagem de calcários nos locais dominados Fazenda Vitrine e Fazenda Bocaina no município de Sete (MG) pela Indústria de

Cimento e Cal (*Sete Soluções e Tecnologia Ambiental Ltda.* 2001) foram indicados possíveis vestígios de ocupação pretérita na área de concessão da Indústria e foram identificadas cavidades naturais de expressivo valor natural, espeleológico e arqueológico que abrangem os três maciços calcários, denominados de Rei do Mato, Vitrine Bocaina e Mil Pedras-Mil Pérolas. Dentro desta proposta de estudo detalhado e sistêmico de impacto ambiental foram encontrados nos sítios arqueológicos das Fazendas Vitrine e Bocaina e nos locais de preservação permanente próximos a locais de atividade de mineração, vestígios em superfície de materiais cerâmicos, líticos lascados, e observados registros rupestres nos suportes calcários de algumas grutas. Foram catalogadas 14 cavernas e 5 abrigos, em que foram identificadas figurações de tradição planalto que remetem a zoomorfos como tatu, onça e outros animais nos abrigos especificados no relatório, escrita crayon do século XIX, vestígios cerâmicos, líticos lascados. Nas paredes dos abrigos catalogados também foram encontradas interações humanas contemporâneas, algumas em paredes já ocupadas por grafismos, outras sem figuração.

De acordo com a análise sobre a organização espacial dos grafismos no suporte natural da Gruta Rei do Mato elaborada por Baeta et al. (1992), evidenciam-se registros de sucessivas populações, cujos vestígios são atribuídos à Tradição Planalto e a unidade estilística Ballet. As relações estabelecidas através de marcas gráficas deixadas apresentam-se de várias formas, sugerem a preferência por espaços separados e parcialmente grafados, por espaços já ocupados, em outros ressignificam fazendo figuras sobrepostas, também empregaram retoques de mesma coloração ou com misturas diferentes.

A pré-história regional retratada por Prous et al. (2003) no livro *O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos: conhecer para preservar*, sugere que os autores da região de Lagoa Santa fizeram as tintas com os diversos tons de vermelhos (hematita) e amarelo (goethita) que se encontram nos paredões retirando o óxido de ferro de “couraças ferralíticas”.

Através das trilhas percorridas pela paisagem cárstica dentro da Unidade de Conservação do Monumento Natural e das visitas de campo ao Abrigo do Chapéu ou da Estrada e Rei do Mato I, percebe-se que estão localizados em lados opostos e em função do suporte natural, os povos autores utilizaram o teto e as paredes do salão único para grafarem. Através deste levantamento preliminar em campo e da literatura lida que aborda os registros rupestres desta área amostral, a parede de maior visibilidade localizada no interior do sítio Rei do Mato I, apresenta peixes

pequenos em série, antropomorfos e círculos concêntricos, já no teto peixes maiores e zoomorfos isolados, Prous et. al (2003) descrevem a presença de círculos também no teto através do levantamento na década de 80.

No artigo *Organização do espaço pictural nos sítios rupestres da região de Lagoa Santa - MG*, Baeta et al (1992) apresentam um quadro comparativo com cinco unidades topográficas listadas, três técnicas de execução relacionadas à coloração (branco, amarelo e vermelho), incisão e picoteamento, e os temas (que sugerem veado, tatu, antropomorfo, bastonetes, tridáctilo e cupulles). Segundo as análises, as figuras grafadas que remontam ao período de composição mais recente correspondem às de coloração branca ou de retoques presentes no patamar superior do maciço.

Entre caminhos e trilhas percorridas, o cenário paisagístico do perímetro do Monumento Natural Estadual Gruta Rei do Mato revela predomínio de matas secas, remanescentes de diversas variações do cerrado, formação de transição, vegetação florestal e locais antropizados por consequência das queimadas. Situados no maciço Rei do Mato, o abrigo da Gruta Rei do Mato I está localizado ao lado da Gruta Rei do Mato na região sudoeste onde encontra-se a maior quantidade de abrigos já levantados e o da Estrada situada em direção norte do MNEGRM (Monumento Natural Gruta Rei do Mato). De acordo com o levantamento preliminar desenvolvido pelas visitas in loco realizado pelo Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural da Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho nestes dois sítios no mês de maio e de junho de 2023, observamos através do olhar atento às marcas das expressões gráficas presentes nos abrigos de rocha calcária e também através dos levantamentos bibliográficos, informacional e posteriormente, com o auxílio do aplicativo D'Stretch, identificamos a representação do universo apreensível a figuração de zoomorfos, antropomorfos e não figurativos nas paredes e tetos líticos.

Dentro da região amostral dos sítios visitados, o Abrigo Rei do Mato I mostrou-se de fácil acesso (Figura 3), as técnicas de execução utilizadas para a elaboração das unidades gráficas apresentam pinturas preenchidas e/ou contornadas com pigmentação da mesma cor (vermelha e amarela), composição isolada e em cenas nas paredes e teto dos abrigos (Figuras 4 e 5), sendo a maioria verificada dentro do abrigo, apresentado pinturas externas que não foram examinadas, algumas associações, retoques e sobreposições nos painéis. Já a predileção do

suporte aponta para a parede de maior visibilidade da Gruta Rei do Mato I (Figura 4). A seleção e preparação dos pigmentos apontam para cores do vermelho intenso e quente, vermelho menos denso e amarelo (Figuras 5 a 8). Além das associações realizadas pelos autores pré-coloniais, verificamos interações de pessoas contemporâneas, seja diretamente sobre as figuras ou no espaço vazio da superfície grafada.



Figura 3: Entrada do Abrigo da Gruta I. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - maio/2023

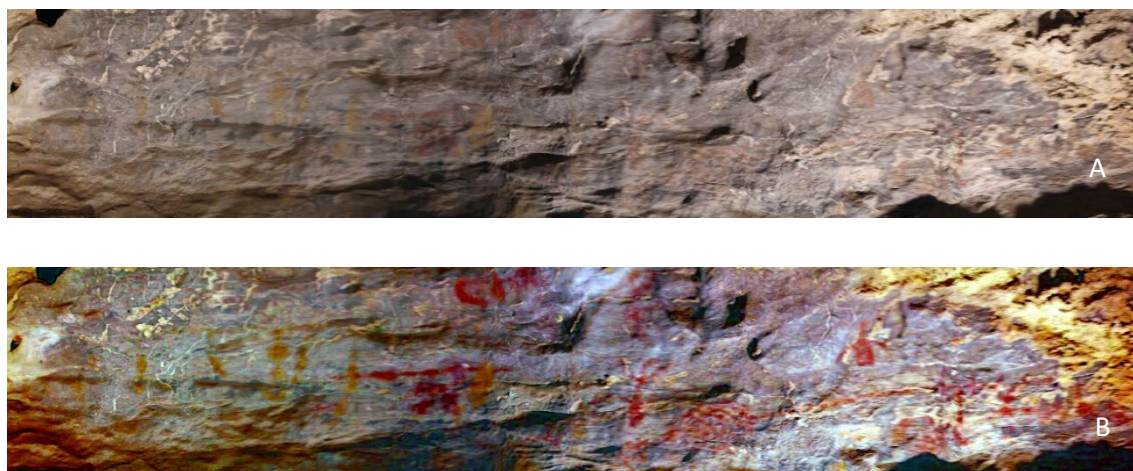


Figura 4: A. Parte cênica da maior parede pintada no Abrigo Rei do Mato I; B. Imagem tratada com D'Stretch. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - maio/2023;



Figura 5: A. A parte cênica do teto pintado no Abrigo Rei do Mato I. B. Imagem do teto pintada tratada com D'Stretch. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - maio/2023

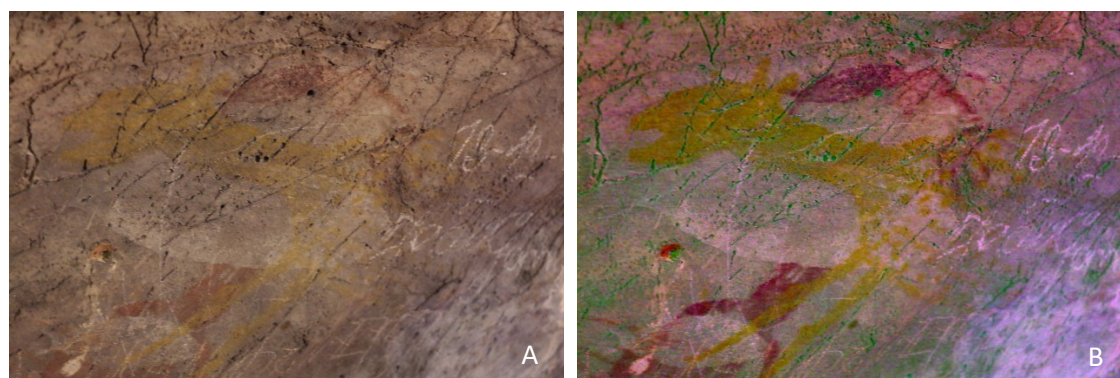


Figura 6: A. Detalhe de imagem grafada no teto no Abrigo Rei do Mato I; B. Imagem tratada com D'Stretch. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - maio/2023.

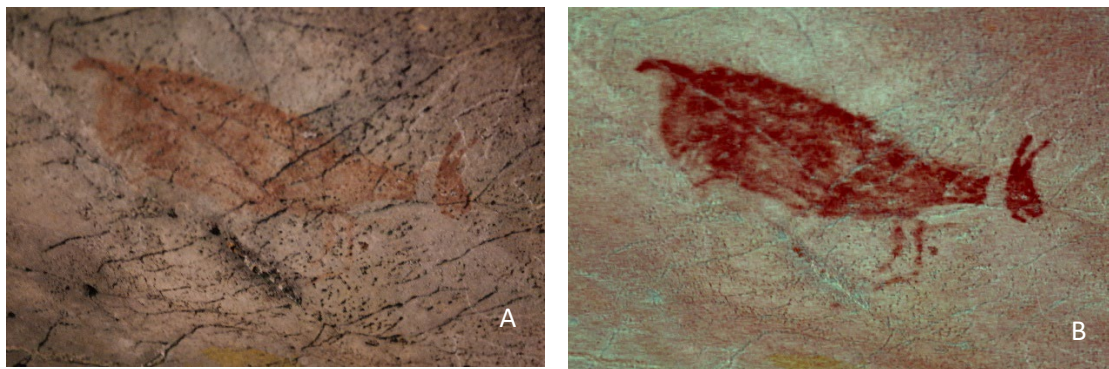


Figura 7: A. Detalhe da imagem do teto pintada no Abrigo Rei do Mato I; B. Imagem tratada com D'Stretch. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - junho/2023.

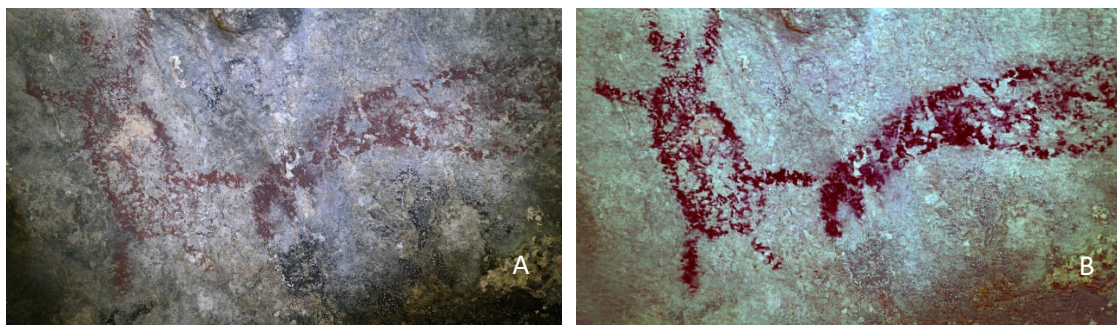


Figura 8: A. Imagens grafadas na parede no Abrigo da Estrada; B. Imagens tratada com D'Stretch. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - junho/2023.

Separados a menos de 1 km de distância, com atributos semelhantes e específicos, o Abrigo da Estrada (Figura 9) que também tem fácil acesso, chamado anteriormente por Abrigo do Chapéu por causa do formato do maciço, segundo o levantamento realizado pela empresa de Cimento e Cal (*Sete Soluções e Tecnologia Ambiental Ltda.* 2001) não foram encontrados vestígios materiais em superfície, apenas um seixo de rocha cristalina de 500 g utilizado para lascamento como batedor uni e bipolar.

Quanto aos registros rupestres, foram identificados zoomorfos e figuras geométricas grafadas no teto do abrigo (Figuras, 10 a 11). Assim como nos abrigos sob rocha presentes no perímetro do MNEGRM, as manifestações rupestres não estão isoladas na paisagem, além dos registros de intervenção humana contemporânea, foram identificados reutilização do espaço na região

sudoeste pelos praticantes de escalada esportiva, a direção sudeste uso esporádico e sua utilização para práticas religiosas e escalada esportiva (Instituto Estadual de Florestas, 2012).



Figura 9: Entrada do Abrigo da Estrada. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - junho/2023.



Figura 10: Visão geral do teto no Abrigo da Estrada e a segunda imagem tratada com D'Strech. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - junho/2023.



Figura 11: Imagem grafada no teto no Abrigo da Estrada. Fonte: Núcleo de Pesquisa Memória e Patrimônio Cultural / Escola Estadual Modestino Andrade Sobrinho (NPMPC/EEMAS) - junho/2023.

Neste percurso, o estudo do povoamento pré-histórico da região de Sete Lagoas a partir da observação direta dos registros rupestres e intervenções humanas recentes pontuados e tratados com D'Strech juntamente com o embasamento das referências bibliográficas concernentes às literaturas sobre as experiências de campo de antropólogos/as e de contextos arqueológicos orientam a primeira fase do projeto de iniciação científica do Núcleo de Pesquisa. Ainda em fase de caráter exploratório, através de caminhamentos em que foram percorridos três trechos do Monumento: trilha Gruta Rei do Mato e Abrigo Rei do Mato I, da Gruta da Estrada que se encontra três torres cársticas e a da Lagoa, foram feitos registros fotográficos das pinturas e das paisagens dos sítios que estão sendo coletadas as pinturas, anotações e organização de banco de dados como recursos interpretativos.

Pensar a paisagem rupestre é compreender como o homem manipula e altera o ambiente ao seu redor e como é ressignificado pelos grupos posteriores aos que já haviam deixado suas marcas, imputando sua visão de mundo e a consciência de si nesse processo, além disso, permite perceber a heterogeneidade presente nas diversas temporalidades inscrita na materialidade através da expressão de vivências, crenças e valores no mundo das pessoas pintoras dos paredões localizados no contexto das ocupações remotas no território brasileiro (Kormikiari, 2014).

Pretensas considerações

Como exposto em estudos de experiências antropológicas e arqueológicas de contexto ameríndio amazônico que abordam o agenciamento das pinturas corporais e de outras materialidades (urnas e cestaria) e de pinturas utilizadas na fabricação de corpos (humanos e de outras materialidades) de grupos indígenas específicos, como ressalta Polo (2023), usar como aparato conceitual e teórico, a analogia etnográfica como dado da produção de grupos do presente partindo do pressuposto da longa duração dos sistemas de pensamento ameríndios.

Desta forma, em busca do entendimento das relações entre os autores das manifestações gráficas através de diferentes variáveis que envolvem temas (comuns e peculiares), cenas, técnicas de execução, cores, posição das imagens (painéis, sítios e paisagens), entre figurações pré-existentes e do presente, que dialogam de forma (sincrônica, diacrônica, espacial, relacional e etnográfica) como já levantado, pensar a possibilidade de entender as pinturas rupestres nos abrigos inicialmente estudados, a partir das relações de agenciamentos, das interações táteis e experiência corporal estabelecidas com os elementos visuais como as técnicas das pinturas sobre os corpos líticos, como locais de negociação entre os ameríndios e outros seres, associações intra e inter sítios e com paisagem. Assim como o agenciamento apontado por Fausto (2020) sobre o corpo como um artefato de fabricação intensiva constituído por mãos humanas, os registros rupestres podem sugerir relações entre seres humanos e não humanos, ato de afetar e de afetar-se, utilizar e ser utilizado, ser visto e se fazer ver.

A possibilidade de compreender a materialidade dentro de um contexto arqueológico a partir de outras perspectivas e a discussão de seu patrimônio por outro viés, retoma a discussão sobre a colonialidade do saber e as provocações de Davi Kopenawa e Ailton Krenak. Engajados nessa virada ontológica, apontam para como outras ontologias, epistemologias e possibilidades de compreensão de significados e de construção de um conhecimento sobre o mundo são possíveis e estão sendo empregadas em contextos não ocidentais, incorporando novos saberes nas discussões e leituras da realidade, que independente da forma como pensamos ou agimos, salientam reconhecer e evidenciar que outros seres agem e são importantes para a formação dos contextos arqueológicos. Visando a construção de uma cultura de respeito, com perspectiva de bem viver no mundo, que abarca o modo de vida, de ser e estar das pessoas em diferentes realidades, através das bibliografias evidenciadas ressaltamos a potencialidade das teorias do

conhecimento que se entrelaçam imbuídas dos valores culturais apontados tanto pelo entendimento indígena quanto pelo ocidental, com mesmo grau de reciprocidade e simetria epistemológica.

Diferentes abordagens sobre distintos registros arqueológicos têm provocado a reflexão sobre a importância da escuta das comunidades indígenas para agregar entendimentos sobre a ocupação de grupos pretéritos por meio de parcerias estabelecidas na realização da pesquisa arqueológica (Atallay, 2006). A abordagem de concepção ameríndia comum a vários povos, de que o mundo é povoado por distintas espécies de gentes, humanas e não-humanas, que apreendem o universo passado e circundante com olhares diversos e nesse domínio cosmológico partilhado pelos grupos indígenas em contextos diferentes, o perspectivismo ameríndio muitas vezes tem sido rejeitado nos debates epistemológicos no campo arqueológico (Castro, 1996).

A perspectiva etnoarqueológica, através de pesquisas etnográficas locais enquanto documento histórico, elaboram reflexões sobre conceitos arqueológicos, antropológicos e indígenas relacionados à materialidade e a corporalidade elucidando as relações sociais entre humanos e outros humanos, a tecnologia e os significados culturais que permeiam a produção e seu uso. Os pressupostos de que os humanos não estão sozinhos no mundo, o deixar afetar, o caráter animista e perspectivista permeiam as cosmologias indígenas dentro e fora da região amazônica. Aproximando da antropologia, pautado no entendimento de que os grafismos fazem parte da lógica e do repertório dos grupos que os produziram, os signos também fazem sentido considerado como símbolo de interação ontológica entre humanos e não humanos.

Referências

ATALLAY, S. 2006. Indigenous Archaeology as Decolonizing Practice. *American Indian Quarterly*. v. 30, n. 3/4, p. 280-310.

BAETA, A. M.; SILVA, M. S; PROUS, A. 1992. Organização do espaço pictural nos sítios rupestres da região de Lagoa Santa – MG. In: *Anais III Congresso Abequa*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos do Quaternário. p. 417-430.

BARCELOS NETO, A. 2008. *Apapaatai*. Ritual de máscaras no Alto Xingu. São Paulo: Edusp.

- BORGES, F; TRAVASSOS, L; GUIMARÃES, F. 2013. Propostas de criação de trilhas geoturísticas no Monumento Natural Estadual Gruta Rei do Mato, Sete Lagoas, Minas Gerais. Climep. Climatologia e Estudos da Paisagem. v.8. n. 1, p. 24-48
- DESCOLA, P. 1992. Societies of nature and the nature of society. In: KUPER, A. (ed.). Conceptualizing society. London: Routledge, p. 107-126
- FAUSTO, C. 2020. Art Effects. Image, agency, and ritual in Amazonia. Lincoln: University of Nebraska Press.
- GASPAR, M. D. 2006. A Arte Rupestre do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GELL, A. 2018. Arte e Agência. São Paulo: Ubu.
- HODDER, I. 2012. Entangled: An Archaeology of the Relationship between Humans and Things. New York: Willey-Blackwell.
- ISNARDIS, A. 2004. Lapa, parede, painel: distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais). Dissertação (mestrado em Arqueologia), Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- INSTITUTO ESTADUAL DE FLORESTAS (IEF). Plano de Manejo do Monumento Natural Estadual Gruta Rei do Mato. Resumo executivo, 2012.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A Queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
- KORMIKIARI, M. C. 2014. N. Arqueologia da paisagem. São Paulo Labeca/MAE-USP.
- KRENAK. A. 2017. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das letras.
- LAGROU, E. 2007. A Fluidez da Forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Topbooks.
- LAGROU, E. 2013. Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas? Uma Reflexão Sobre uma arte perspectivista. In: SEVERI, C; LAGROU, E (eds.). Quimeras em diálogo: grafismo e figuração nas artes indígenas. Rio de Janeiro: 7 Letras. p. 247-276.
- LATOUR, B. 2012. Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc.
- LINKE et al. 2020. Do fazer a arte rupestre: reflexões sobre os modos de composição de figuras e painéis gráficos rupestres de Minas Gerais (Brasil). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 15, n. 1, p.1-24.
- MARTÍN, G.; GUIDON, N. 2010. A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil. Clío. Série Arqueológica, v. 25. n. 1, p. 11-30.
- NDLOVU, M. 2017. Por que saberes indígenas no século XXI? uma guinada decolonial. Epistemologias do Sul. v. 1 n. 1, p. 127-144.

NETTO, C. X. de A.; ROSA, C; MIRANDA, P. 2011. Semiótica dos sítios cerâmicos da região do Cariri Ocidental, PB. *Clio Arqueológica*, v. 26, n. 2, p. 265-288.

NETTO, C. X. de A. 2022. A técnica e estética nos estudos de arte rupestre: reflexões iniciais em busca de ampliação dos instrumentos de estudo. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 317-333.

POLO, M. J. 2023. A. Corpos-urnas na arte e arqueologia da foz do Amazonas: prerrogativas e percalços de uma pesquisa pretensamente pós-representacional. *Revista de Arqueologia*, v. 36, n. 1, p. 103-126.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira: a pré-história e os verdadeiros colonizadores*. 1ª ed. Cuiabá: Achaeo, Carlini e Caniato Editorial, 2019.

PROUS, A; BAETA, A; RUBIOL, E. 2003. *Patrimônio arqueológico da região de Matozinhos, Conhecer para Proteger*, Belo Horizonte: Ed do autor.

RODRIGUES, I. 2022. *Tramas da Tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. Tese (doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia da USP, São Paulo: MAE-USP.

SETE Soluções e Tecnologia Ambiental Ltda. *Extração e Britagem de Calcários nos locais denominados Fazenda Vitrine e Fazenda Bocaina - Município de Sete Lagoas, Levantamento de potencial arqueológico*, 2001.

SEEGER, A. 1980. *Os Índios e nós. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

THOMAS, J. 2001. *Archaeologies of place and landscape (Cap. 7)*. In: Ian Hodder (ed). *Archaeological Theory Today*, Cambridge: Polity Press, p. 165-186.

TILLEY, C. 2014. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 1, p. 24-62.

VALLE, R. B. M. 2012. *Mentes graníticas e mentes areníticas: fronteira cognitiva nas gravuras rupestres do baixo Rio Negro, Amazônia Setentrional*. Tese (doutorado em Arqueologia) Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VAN VELTHEM, L. 2003. *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assirio e Alvin.

VIDAL, L. 1992. A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In: VIDAL, L. (org.). *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, EdUSP. p. 143-190.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 1979. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. *Boletim do Museu Nacional. Antropologia*. n. 31. p. 40 - 49.

WEBMOOR, T. 2007. What about 'one more turn after the social' in archaeological reasoning? Taking things seriously. *World Archaeology*, v. 39, n. 4. p. 563-578.